

TENDÊNCIA TEMPORAL DA MORTALIDADE NEONATAL PRECOCE ENTRE FILHOS DE MÃES ADOLESCENTES NO BRASIL E REGIÕES ENTRE 2000 E 2020

XV Congresso Sergipano de Ginecologia e Obstetrícia, 1ª edição, de 12/09/2024 a 14/09/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-122-6

CARMO; Danielle Carvalho do Carmo¹, CARVALHO; Julia Maria Salgado Carvalho², SANTOS; Claudia Bispo Martins Santos³, QUINTILIANO; João Augusto Cegarra Quintiliano⁴, BONFIM; Lucas Amorim Mirindiba Bonfim⁵, NOGUEIRA; Marina de Pádua Nogueira⁶

RESUMO

INTRODUÇÃO A gravidez na adolescência é um problema global, que pode levar a ciclos intergeracionais de pobreza e desfechos negativos para o recém-nascido. Segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde em 2020, a cada ano, cerca de 21 milhões de meninas entre 15 a 19 anos engravidam e aproximadamente 12 milhões dão à luz. Considerando a faixa etária de 10 a 14 anos, esse número é de aproximadamente 780 mil nascimentos anuais. A maioria dos partos de adolescentes no mundo – 95% – ocorre em países em desenvolvimento, como o Brasil. A ocorrência de gestação entre adolescentes aparenta estar relacionada a mulheres com nível socioeconômico mais baixo e violência doméstica (sexual e/ou física). Ainda, não é incomum a gravidez na adolescência ocorrer em um padrão intergeracional em que as adolescentes grávidas são filhas de jovens mães que passaram por dificuldades sociais, financeiras, médicas, educacionais e de emprego. Devido ao estigma, ocorre atraso no diagnóstico de gestação e na assistência pré-natal. Além disso, as adolescentes, em geral, possuem menos apoio psicossocial do que mulheres adultas, ademais, a reprovação social causada pela gravidez precoce pode afetar a assiduidade às consultas pré-natais. Este contexto leva a complicações maternas e neonatais, visto que a gravidez na adolescência está associada a risco aumentado de parto prematuro, baixo peso ao nascer, eclâmpsia, hemorragia pós-parto, anemia, distúrbios hipertensivos da gravidez, infecções por clamídia e gonorreia, morbidades infantil e materna. A gravidez entre adolescentes também está relacionada à maior ocorrência de restrição de crescimento fetal, ruptura prematura de membranas, rupturas perineais, episiotomias, índice de APGAR menor que 7 pontos no primeiro e quinto minutos de vida e maior risco de internação em terapia intensiva. A mortalidade neonatal, principalmente a neonatal precoce, desde a década de 1990, é o principal componente dos óbitos infantis, correspondendo a cerca de 70% da mortalidade infantil atual. A avaliação da taxa de mortalidade neonatal precoce associada à gestação na adolescência faz-se necessária pois reflete as condições sociais e econômicas regionais, bem como a qualidade da assistência prestada no pré-natal, parto, nascimento e ao recém-nascido. A análise do comportamento temporal dos óbitos neonatais precoces é uma ferramenta útil para o seu monitoramento, podendo auxiliar nas medidas de gestão em Saúde Pública e no direcionamento de políticas públicas de assistência.

OBJETIVO Analisar a tendência temporal da mortalidade neonatal precoce entre mães adolescentes no Brasil e regiões, entre 2000 e 2020.

METODOLOGIA Estudo ecológico misto, de abordagem quantitativa, utilizando dados secundários de acesso público do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As fontes de dados foram o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), dos quais foram consultadas informações sobre crianças nascidas no Brasil, segundo macrorregião, entre 2000 e 2020, descendentes de jovens mulheres entre dez e 19 anos. As taxas de mortalidade infantil foram calculadas para o Brasil e macrorregiões para cada ano analisado. A análise temporal foi realizada com a aplicação do modelo de regressão por pontos de inflexão.

RESULTADOS/DISCUSSÃO Foram incluídos 101.508 óbitos

¹ Universidade Federal de Sergipe , daniellecarvalhoc@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe , juliaslgd@gmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe , claudia.bispo.martins@live.com

⁴ Universidade Federal de Sergipe , quintiliano.ja@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Sergipe , lucas.mirindiba@hotmail.com

⁶ Universidade Federal de Sergipe , marinapnogueira@yahoo.com.br

neonatais precoces. A região Nordeste apresentou o maior número de óbitos neonatais precoces (37.919), enquanto a região Centro-Oeste apresentou a menor (7.911). A tendência temporal entre 2000 e 2020 da taxa de mortalidade neonatal precoce dos filhos de mães adolescentes no Brasil demonstrou padrão decrescente, com variação média do período (AAPC, *Average Annual Percent Change*) igual a -0,90; $p<0,001$. Todas as regiões apresentaram tendência decrescente da taxa analisada, com exceção da região Norte, que apresentou tendência estacionária (APC = -2,64; $p<0,001$). A maior tendência de diminuição ocorreu na região Sul (AAPC = -2,23; $p<0,001$), seguida da região Centro-oeste (AAPC = -1,31; $p<0,001$) e da Sudeste (AAPC = -0,69; $p<0,001$). O descenso observado pode estar relacionado à implementação de estratégias e políticas públicas de assistência, que resultaram na melhoria de fatores econômicos, educacionais, sanitários e de saúde. Os resultados obtidos devem ser melhorados, especialmente por não refletirem uma homogeneidade entre as diferentes regiões do Brasil, o que reforça a urgência de fortalecer as políticas públicas de saúde, assim como dos setores econômico e social. **CONCLUSÃO** Os achados sugerem a necessidade de políticas públicas intersetoriais direcionadas à assistência ofertada às adolescentes grávidas, principalmente nas regiões Norte e Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de séries temporais, Gravidez na Adolescência, Monitoramento das desigualdades em saúde, Mortalidade Neonatal Precoce

¹ Universidade Federal de Sergipe , daniellecarvalhodcc@gmail.com
² Universidade Federal de Sergipe , juliaslgd@gmail.com
³ Universidade Federal de Sergipe , claudia.bispo.martins@live.com
⁴ Universidade Federal de Sergipe , quintililano.ja@gmail.com
⁵ Universidade Federal de Sergipe , lucas.mirindiba@hotmail.com
⁶ Universidade Federal de Sergipe , marinapnogueira@yahoo.com.br